

Chico Lopes diz que juros podem subir ainda mais

Mercado deverá se acalmar em algumas semanas, mas moeda poderá levar até dois anos para encontrar seu ponto de equilíbrio

Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA. O presidente do Banco Central, Francisco Lopes, afirmou que a taxa máxima de juros poderá subir ainda mais, se for necessário. Ele assegurou, porém, que o BC não pretende aumentar o compulsório (quantidade de dinheiro que os bancos são obrigados a depositar no Banco Central) das instituições financeiras. A taxa de juros vem subindo 1,5 ponto percentual ao dia, chegou a 37% ao ano ontem e já se aproxima do teto de 41% fixado na última reunião extraordinária do Comitê de Política Monetária (Copom), há dez dias.

— Não gostamos de reunião extraordinária do Copom mas, se precisar, faremos — disse.

Governo considera ideal uma desvalorização entre 10% e 15%

Ele informou que o mercado cambial deverá se acalmar nos próximos dias ou semanas, mas que levará pelo menos dois anos para que a taxa de câmbio chegue ao valor que o governo considera correto. Esse será o prazo para que a desvalorização real (descontada a inflação) do real fique

entre 10% e 15%, percentual que era necessário, na avaliação do Governo. Ele explicou que a experiência em outros países mostra que o nível de desvalorização do real vai ser menor em três meses e cairá ainda mais em seis meses. Disse ainda que o país terá que aprender qual será o limite de desvalorização, mas lembrou que em nenhuma experiência de flutuação até hoje, o processo de alta não foi revertido em algum momento. E aconselhou:

— Não comprem dólar porque vão fazer um péssimo negócio.

Aparentando tranquilidade, o presidente do BC disse que não viu pânico ontem e que, ao contrário, todos os sinais do mercado eram positivos. O fato de a cotação do dólar ter chegado a R\$ 2,17, segundo ele, foi um movimento do mercado para forçar uma alta, pois essa será a taxa em vigor no resgate dos contratos de mercado futuro na segunda-feira.

Ele lembrou que as bolsas subiram, os papéis brasileiros no exterior estão se valorizando e que os contratos de exportação que serão fechados segunda-feira mostram que o valor diário das vendas externas chegou a US\$

231 milhões, volume muito acima da média. A alta das bolsas, de acordo com Lopes, só acontece se existe confiança, pois, do contrário, as pessoas compram dólar e saem do país. Nos últimos quatro meses, o saldo negativo acumulado do Fiex, fundo pelo qual brasileiros remetem dólares para o exterior, chegou a US\$ 1 bilhão, mas que o fluxo já está se tornando positivo.

— Esses recursos já estão voltando, pois o primeiro dinheiro que vai retornar é o de brasileiro — disse.

Cotação mais baixa no mercado futuro é um sinal positivo

Outro sinal positivo, segundo Lopes, é que a cotação do dólar nos contratos futuros é mais baixa do que a do mercado à vista, demonstrando que o mercado aposta em queda. Ele acredita que rapidamente a população vai entender o que o mercado, segundo sua avaliação, já está entendendo. Lopes insistiu que não vai haver reestruturação da dívida, controle de câmbio ou centralização cambial.

— Tem gente se deixando influenciar por boatos e isso é la-

mentável. Quem está sacando dinheiro do banco está fazendo bobagem — acrescentou.

Lopes disse que o Banco Central refez as contas com as mudanças de política econômica nos últimos dias e concluiu que a dívida será menor no fim do ano do que os 46,8% do Produto Interno Bruto (PIB) previstos no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele explicou que os efeitos da desvalorização sobre os papéis públicos indexados ao câmbio serão compensados por gastos menores com juros do restante da dívida.

— Na programação anterior, teríamos juros nominais de 22% e, descontada a inflação de 2%, uma taxa real de 20%. Essa é uma taxa real extremamente salgada. Com o regime de flutuação, os juros reais serão menores — disse.

Lopes explicou que, com a taxa de inflação muito baixa, a taxa real de juros é muito alta, mas isso não deverá ser mantido.

Ele disse ainda que com pequena liberdade cambial, como era o caso no Brasil, a política monetária ficava condicionada ao volume de reservas. Com a livre flutuação, o objetivo dessa política

passa a ser com a estabilização dos preços. Por isso, o Governo terá metas de inflação a cumprir, o que vai condicionar a política de juros.

— Vamos ter meta de inflação. A dúvida é se será explícita, como acontece em países como a Nova Zelândia, ou implícita — disse Lopes.

Ele confirmou ainda que o Governo pretende reintroduzir no acordo com o FMI o conceito de déficit operacional (que exclui as correções monetária e cambial das contas).

Clinton com FH: Brasil precisa de nova política monetária

Na conversa de 20 minutos que tiveram por telefone na quinta-feira à noite, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, e o presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, concordaram que o Brasil precisa de um novo modelo de política monetária para sair da crise. A informação foi dada ontem pelo presidente do Conselho Econômico Nacional americano, Gene Sperling.

— Os presidentes concordaram sobre a importância de se estabelecer um novo modelo para a

política monetária a ser adotada no Brasil — disse Sperling.

Segundo assessores de Clinton, os dois presidentes não discutiram novos programas de ajuda ao Brasil. Na verdade, eles concluíram que, no atual cenário, os investidores estão à espera de sinais de que o Governo brasileiro vai implementar reformas.

No Rio, o ex-presidente do Federal Reserve (BC dos EUA) Paul Volcker disse que o Brasil tem uma das maiores e mais diversificadas economias do mundo e, portanto, mais capacidade de controlar seu destino do que outros países emergentes.

Sua avaliação é que o Real e as privatizações foram passos importantes para a entrada do Brasil na economia globalizada mas alerta: a desvalorização sugere que o país passa a enfrentar batalha de credibilidade e há risco de a crise estar subestimada. ■

COLABORARAM Cláudia Schüffner, Jacqueline Breitingner, da Agência O GLOBO, e Ramona Ordoñez

• BC DIVULGARÁ SALDO CAMBIAL COM 15 DIAS DE ATRASO, na página 24